

NOBEL ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FOLHA-TOPICOS/NOBEL/](https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/nobel/))

Produção científica não é tão eficaz como costumava ser, diz Nobel de Medicina

Biólogo Randy Schekman fez a avaliação durante conversa com estudantes após palestra na USP

29.nov.2024 às 4h00

Karina Toledo

AGÊNCIA FAPESP "O panorama das ciências biomédicas é hoje muito diferente e mais amplo do que o existente quando comecei minha carreira, há 50 anos. Há ferramentas incríveis, muito melhores do que as primitivas de que eu dispunha. A tecnologia avançou tão rapidamente que é até difícil acompanhar. Mas o lado ruim, com o qual passo muito tempo preocupado, é a produção científica. Não é tão eficaz como costumava ser".

A declaração é do biólogo norte-americano Randy Schekman, pesquisador da Universidade (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/universidade/>) da Califórnia em Berkeley (Estados Unidos), e foi feita na última segunda (25) em uma roda de conversa com estudantes após palestra apresentada na Universidade de São Paulo (USP (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/usp/>)).

Para o cientista, que ganhou (<https://m.folha.uol.com.br/ciencia/2013/10/1352821-trio-de-cientistas-vence-nobel-de-medicina-por-pesquisa-em-transporte-celular.shtml>) o Nobel (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/nobel/>) de Fisiologia ou Medicina (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/medicina/>) em 2013, o fenômeno está relacionado com a multiplicação de periódicos científicos pautados por propósitos comerciais e "interessados em ganhar muito dinheiro".



O biólogo Randy Schekman, Nobel de Medicina em 2013, durante palestra na USP - Daniel Antônio/Agência Fapesp.

"Isso tem uma influência tóxica sobre a academia. Antigamente, costumávamos avaliar a produção científica por meio da leitura dos artigos. Agora, olhamos para onde o artigo foi publicado ou para esse número ridículo chamado fator de impacto", afirmou.

Não é de hoje que Schekman critica a dependência da comunidade acadêmica dos chamados high profile journals. Em 9 de dezembro de 2013, um dia antes de receber o Nobel, publicou um artigo (<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/dec/09/how-journals-nature-science-cell-damage-science>) no jornal britânico The Guardian anunciando que, daquele dia em diante, seu laboratório passaria a boicotar revistas como Nature, Science e Cell. "Já publiquei em grandes marcas, incluindo artigos que me renderam um prêmio Nobel. Mas não mais. Agora meu laboratório se compromete a evitar periódicos de luxo e incentivo outros a fazerem o mesmo", anunciou na época.

Em sua avaliação, a pressão para publicar em revistas "de luxo" encorajou os pesquisadores a fazer o trabalho de forma rápida e malfeita e a buscar campos científicos que estão na moda, em vez de fazer trabalhos realmente importantes. E o problema teria sido agravado pelo fato de os editores dessas revistas não serem cientistas ativos, mas editores profissionais –quase sempre com formação acadêmica– que tendem a favorecer estudos com maior chance de causar impacto.

Na roda de conversa com estudantes, ao ser questionado sobre o que faria caso se tornasse editor-chefe de uma dessas revistas, Schekman sentenciou: "Demitiria todos os editores profissionais. Eles são uma das causas de o custo para publicar um artigo científico ser tão alto".

O pesquisador também demonstrou preocupação com o aumento do tempo que um acadêmico leva para concluir sua formação e conseguir um emprego. "Eu me tornei professor aos 27 anos. A maioria dos meus contemporâneos estava empregada antes dos 30. É um tempo da vida que você tem mais liberdade para ser criativo. Não acredito que poderia fazer o que fiz se tivesse começado dez anos mais velho, pois surgem responsabilidades familiares."

Schekman conta que levou apenas quatro anos para concluir o doutorado e foi pós-doutorando por outros dois anos. "Na minha época, era possível conseguir uma boa posição de pós-doc com apenas um artigo publicado. Hoje a expectativa em termos de número de publicações é muito maior. Além disso, algumas pessoas atualmente fazem vários pós-doutorados e isso atrasa as coisas a ponto de você estar com quase 40 anos de idade quando consegue um emprego. Se você leva mais de dez anos para se formar, não vai conseguir um bom emprego."

DOENÇA MULTIFACETADA

A visita de Schekman a São Paulo foi organizada com apoio da Fapesp e da USP no âmbito do programa Nobel Prize Inspiration Initiative (NPII), parceria entre a farmacêutica AstraZeneca e o Nobel Media que leva os laureados a universidades e centros de pesquisas de todo o mundo a fim de inspirar jovens cientistas.

No evento, o pesquisador apresentou os estudos realizados em leveduras que levaram à descoberta de um conjunto de genes importante para o transporte de vesículas do meio intracelular para o extracelular. É por meio dessas minúsculas bolhas –carregadas com substâncias químicas como enzimas, hormônios e neurotransmissores– que as células se comunicam umas com as outras e coordenam todos os processos importantes de um organismo.

"Quando o genoma humano foi desvendado, descobrimos que as mesmas proteínas-chave que identificamos nas leveduras estavam presentes em nosso organismo. Era um mecanismo conservado ao longo da evolução", afirmou.

Seus achados lançaram as bases para o entendimento de doenças relacionadas a disfunções no transporte vesicular, entre as quais o diabetes. E por essa contribuição Schekman foi indicado para o Nobel ao lado de James Rothman (Universidade Yale) e Thomas Südhof (Universidade Stanford).

Em 2017, porém, a morte de sua esposa que sofria de Parkinson havia 20 anos o levou a uma mudança drástica de carreira. Com o apoio financeiro de [Sergey Brin](https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/sergey-brin/) (https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/sergey-brin/) –um dos fundadores do [Google](https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/google/) (https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/google/) e portador de uma das mutações mais comuns que levam ao Parkinson– e da fundação criada pelo ator Michael J. Fox, Schekman passou a pesquisar as bases moleculares dessa doença neurodegenerativa, cuja incidência no mundo avança ainda mais rapidamente que a do [Alzheimer](https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/alzheimer/) (https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/alzheimer/). Segundo dados apresentados na palestra, eram 2,6 milhões de casos no mundo em 1990. O esperado para 2040 são 17,5 milhões de afetados, metade deles somente na China.

LEIA MAIS

- **Capas muda regra, e artigos passam a ser avaliados pela qualidade, e não pelo impacto da revista**

Modelo classificava periódicos de acordo com a relevância; mudança deve beneficiar revistas nacionais

(<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/11/capes-muda-regra-e-artigos-passam-a-ser-avaliados-pela-qualidade-e-nao-pelo-impacto-da-revista.shtml>)

- **Brasil fica em 13º em produção científica no mundo e vê queda nos últimos anos**

Segundo relatório da Clarivate, ciência da saúde lideram a publicação de estudos no país

(<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/08/brasil-fica-em-13o-em-producao-cientifica-no-mundo-e-ve-queda-nos-ultimos-anos.shtml>)

- **IA invade publicações científicas e, para pesquisador, situação deve piorar**

Estima-se que, em 2023, ao menos 60 mil artigos foram produzidos com o uso de inteligência artificial

(<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/08/ia-invade-publicacoes-cientificas-e-para-pesquisador-situacao-deve-piorar.shtml>)

"A enfermidade foi descrita há 200 anos e até agora nada foi alcançado para evitar sua progressão. Há remédios que conseguem amenizar os sintomas, mas não impedem o avanço do processo degenerativo que inexoravelmente leva à morte", afirmou ele.

Segundo Schekman, Parkinson, assim como câncer (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/cancer/>), não se resume a uma única doença. São várias. Todos os casos estão ligados à morte dos chamados neurônios dopaminérgicos (produtores do neurotransmissor dopamina), que por sua vez está associada ao crescimento de agregados da proteína alfa-sinucleína sobre as células nervosas. Mas os fatores que levam as moléculas a se agregarem ou que tornam os neurônios mais vulneráveis a essa ameaça variam. Somente para uma pequena parcela foram identificadas mutações genéticas associadas, sendo a maior parte dos casos considerada esporádica.

À frente da iniciativa Aligning Science Across Parkinson's (Asap), que congrega 35 grupos de pesquisa de 14 países, Schekman trabalha para identificar, em nível molecular, o que causa a morte dos neurônios dopaminérgicos. O objetivo é encontrar alvos que possam orientar o desenvolvimento de drogas mais eficazes em barrar esse processo.

sua assinatura vale muito

Mais de 180 reportagens e análises publicadas a cada dia. Um time com mais de 200 colunistas e blogueiros. Um jornalismo profissional que fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. Quanto custa ajudar a produzir esse conteúdo?

ASSINE POR R\$ 1,90 NO 1º MÊS ([HTTPS://ASSINATURAS.FOLHA.COM.BR/420733](https://assinaturas.folha.com.br/420733))

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/11/producao-cientifica-nao-e-tao-eficaz-como-costumava-ser-diz-nobel-de-medicina.shtml>

notícias da folha no seu email

Copyright Folha de S.Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folhapress.